

EDUCAÇÃO E POLÍTICA NA COSMOVISÃO CALVINISTA

Danillo Scarpelli Dourado¹

Não há uma polegada quadrada em todo o domínio da nossa existência humana, sobre a qual Cristo, que é Soberano sobre tudo, não brade: 'Meu!'. Abraham Kuyper (1837-1920).

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada pela influência que a literatura calvinista causou em minha vida. E, por uma década, dedico tempo em pesquisar a vida e obra de Calvino. A visão que ele tinha do mundo e das pessoas foi um divisor de águas na história da humanidade. O mundo, que até então vivia na era das trevas, sofreu uma transformação através da influência de muitos homens de origem da fé reformada, especialmente de João Calvino. Esta pesquisa está baseada na vida de dois desses personagens e a influência que eles têm causado em minha vida, a saber, João Calvino e Abraham Kuyper. Será feita através de levantamentos bibliográficos.

A origem da Universidade está intimamente ligada à educação teológica. Por volta do ano 1200, alguns ambientes de catequese cristã se transformaram em universidades. A Universidade de Bolonha na Itália foi a primeira a surgir. A Universidade de Paris foi a segunda, depois veio Oxford. Naquela época, a Universidade de Paris chegou a ser o centro filosófico e teológico do mundo. Mais adiante, esta chegou a ser a semente do futuro seminário protestante. A educação superior era o âmbito do clero. O erudito era visto como o guardião da sabedoria. A universidade moderna surgiu porque os bispos necessitavam de um lugar para prover treinamento clerical. A teologia era considerada a "Rainha das Ciências" na Universidade. No período entre 1250 até 1500 foram fundadas 71 universidades na Europa (SAVIANI, 2004).

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A teologia moderna exercitou-se nas abstrações da filosofia grega. A academia universitária adotou o modelo do pensamento aristotélico, dirigido ao conhecimento e à lógica racional. O instinto dominante da teologia escolástica tendia para a assimilação e a comunicação do conhecimento. É exatamente por isso que o pensamento ocidental sempre foi aficcionado pela formulação de credos, declarações doutrinárias e outras abstrações insossas.

Entendo que a docência tem sido negligenciada, e a causa disso se deve às motivações atuais por parte dos docentes. A questão passa pelos princípios éticos e morais que os regem. A visão que ele tem de Deus, do homem e do mundo o influenciará no campo da educação. O objetivo desta pesquisa é mostrar como os valores influenciam em nossa vida. Destacamos aqui Instituições e personagens que em última instância exerceram e exercem influência na história da educação e política, e como estes foram impulsionados pela sua maneira de ver o mundo.

1. Aspectos históricos

Segundo Saviani (2004. Pg.24), a educação pública religiosa predomina nos séculos XVI e XVII, sendo sucedida pela educação pública estatal, no século XVIII. As tardias universidades brasileiras só surgiram nos anos 1930 e 1940. A primeira legislação universitária brasileira, de 1931, autorizou as futuras instituições a concederem "privilégios universitários". A legislação tinha como principal preocupação manter sob controle os padrões das profissões; para isso, as universidades seriam submetidas à rígida fiscalização ministerial. Haveria uma "universidade modelo" que serviria como padrão para todas as demais.

A década de 1930, entretanto, foi também um período de intensas disputas ideológicas e conflitos políticos, de um lado os católicos e de outro os pioneiros e, por certo tempo, pareceu que o governo federal colocaria a "Universidade do Brasil", a nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sob a tutela da Igreja Católica. Por diversos motivos, o acordo com a Igreja não vingou, e, na década de 1940, a Igreja Católica decidiu criar a sua primeira universidade privada. Assim sendo, a primeira universidade da década de 1930 foi a Universidade do Estado de São Paulo, conhecida até hoje como

Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934, e não a do Rio de Janeiro (SAVIANI, 2004. Pg. 26). Para uma melhor compreensão da ligação entre a Teologia, a educação e a política, se faz necessário tratar de alguns termos a seguir.

2. O QUE É COSMOVISÃO?

Cosmovisão é uma palavra que se refere ao entendimento que temos de Deus, de nós e do mundo. Em outras palavras, é a resposta à pergunta: *como interpretamos e explicamos tudo o que existe?* (grifo meu). Talvez outras perguntas sejam necessárias para entendermos a necessidade de conceituar a nossa cosmovisão. Como surgiu o universo? De onde viemos? Quem somos? Qual o propósito da vida? Por que o mal existe? Há sentido no sofrimento? A história terá um final feliz?

A seguir, Lane (2003, p. 2), expõe o que entendemos por “Cosmovisão”.

Uma cosmovisão é um conjunto de pressuposições sobre a formação básica do mundo. É o sistema de crenças completo e fundamental de uma pessoa. É uma leitura do mundo e uma aplicação dessa visão à vida. Por ser um sistema completo de valores, princípios éticos – é tudo sobre todos.

A cosmovisão é de suma importância para a leitura que se faz do mundo e de suas relações. Hoje, muitas coisas seriam diferentes se fossemos coerentes com os nossos princípios e valores, por exemplo, de nada adianta termos uma visão adequada de alguma coisa se não tivermos uma prática que seja coerente com o que cremos. Por isso, uma cosmovisão influencia muito a vida de uma pessoa. Se ela desejar ficar em paz consigo mesma é preciso ser coerente com a sua ortodoxia².

A cosmovisão tem uma explicação para a origem e para a natureza do universo. Para isso, ela necessita da influência da Teologia para dar uma resposta quanto à existência do criador ou não. Deus não pode ser objeto de estudo, mas o que ele revelou de si mesmo está à disposição de todos os homens. Para uma melhor compreensão da teologia, necessitamos da Antropologia, que tem a ver com nossa identidade e valores pessoais. Se eu

² Aquilo que cremos.

não creio que fui criado por Deus, a minha concepção do homem será outra. A Antropologia influencia a nossa Teologia e vice-versa. O acesso a essas ciências depende de uma epistemologia³ adequada que justifique o conhecimento da verdade. Obviamente, a visão que teremos de todas as coisas tem a ver com as lentes que usamos para interpretá-las, isso é o que chamamos de axiologia⁴. A interpretação que damos aos fatos e eventos no decorrer do tempo chamamos de história⁵.

A interpretação holística depende da cosmovisão, que está comprometida com os elementos supracitados.

Um grande exemplo de alguém que tomou posse disso foi João Calvino, que talvez tenha sido o primeiro a sistematizar uma cosmovisão e explicá-la. Vejamos um pouco sobre sua vida.

João Calvino

João Calvino, que é o aporuguesamento de Jean Cauvin - dito Calvin -, (10 de Julho de 1509 - 27 de Maio de 1564) fundou o Calvinismo, uma forma de Protestantismo cristão, durante a Reforma Protestante. Esta variante do Protestantismo seria bem sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os *Afrikaners*), Inglaterra, Escócia e EUA. Nasceu em Noyon, Picardia, França, com o nome de Jean Cauvin. A transposição do nome "Cauvin" para o Latim (*Calvinus*) deu a origem ao nome "Calvin" pelo qual é conhecido. Calvino foi inicialmente um humanista. Sua influência o coloca como uma das maiores personalidades de todo o mundo.

Fairbairn⁶(1918, p. 58), nos indica quão importante foi o papel que Calvino desempenhou na história política:

A história deve dar a Calvino o título de grande legislador. Como teólogo foi um seguidor, como legislador foi um pioneiro. Seu sistema de doutrina foi derivado em tanto que sua economia política rompeu um novo mundo e estabeleceu o edifício social sobre novos princípios. Este modelo tem influenciado profundamente – direta e indiretamente todas as instituições democráticas subseqüentes.

³ A natureza e a justificativa para o conhecimento.

⁴ A identidade e a natureza dos valores.

⁵ O padrão e a importância dos eventos históricos.

⁶ Tradução minha.

Por sua vez, Rousseau (1978, p. 27) reconhece a instrumentalidade de Calvino por compreender de forma majestosa a associação das ciências como servas de um único propósito: Fazer o melhor para a glória do criador. Por isso ele diz: “Aqueles que consideram Calvino só como um teólogo passam por cima da amplitude da sua grandeza [...] a memória deste grande homem será reverenciada”.

Para Calvino, todas as ciências têm esse objetivo. Ele dizia que fé e ciências não eram temas antagônicos.

Calvino admite que haja um “duplo regime” no homem: o espiritual, ligado à consciência subjetiva e ao culto a Deus, e o regime político, ligado aos deveres de civilidade. Estes dois regimes são denominados jurisdição espiritual e jurisdição temporal, o primeiro concernente à vida da alma, e o segundo à vida presente.

João Calvino se tornou um instrumento poderoso usado por Deus para olhar para a complexidade do mundo, com os olhos do criador. Para ele, a carreira pública era uma das mais nobres funções a que um cristão podia aspirar, e deixou claro que os cidadãos tinham o dever de obedecer às leis e honrar os seus magistrados. Os governantes, por sua vez, tinham solenes e graves responsabilidades diante de Deus.

Calvino atuava com firmeza combatendo grupos que desprezavam as instituições políticas e o exercício de cargos públicos como algo indigno de um cristão, e contra distintos grupos de sua época.

Para Calvino, Deus é o senhor de toda a vida e, sem dúvida, todas as áreas da atividade humana são importantes para os cristãos, inclusive na esfera política. Ao contrário da prática adotada pela igreja católica, a nossa vida não pode ser compartimentalizada, demonstrando incoerência entre elas. Por isso, não devemos cair no erro de fazer qualquer separação entre o "sagrado" e o "secular" ou "profano." Para Calvino, um artesão deveria honrar a Deus como um ministro do Evangelho. Isso criou uma mentalidade entre os calvinistas, que os levou a envolver-se com atividades públicas e sociais, com o objetivo de glorificar a Deus.

Calvino reconhece pertencer o regime político à ordem da criação, não se podendo, pois, conceber qualquer incompatibilidade entre o reino de Cristo e o magistrado civil.

Calvino deixou muitas influências, não obstante ter vivido tão pouco tempo. Uma das mais impactantes foi o Calvinismo. Calvinismo é um termo que pode ser entendido num sentido confessional ou denominacional. Além disso, podemos nos referir ao Calvinismo em termos científicos, num sentido histórico, filosófico e político, como um sistema dotado de uma ontologia, de uma ética de felicidade social e de liberdade humana, todas derivadas de Deus.

O Calvinismo é, portanto, um dos poucos sistemas de vida que está habilitado para olhar e influenciar a vida como um todo. É um sistema completo, que responde às inquietudes humanas. Neste sentido, pode e deve ser entendido como uma cosmovisão. Segundo Kuyper (2002, p. 40): “Uma cosmovisão calvinista pressupõe uma perspectiva peculiar de três relações fundamentais: a relação com Deus, a relação com o próximo e a relação com o mundo, o cosmos em que vivemos”.

Baseada nesta cosmovisão calvinista, a relação com Deus é que determina todas as nossas outras relações, ou seja, é a base de um novo paradigma em nossas relações com o próximo; ou, em outras palavras, de um novo modelo nas relações interpessoais ou sociais. A igualdade diante de Deus é o fundamento ontológico para se postular a igualdade dos seres humanos em relação aos outros.

Kuyper (2002, p. 47) nos dá uma idéia clara deste ponto: “Assim, o Calvinismo condena e se opõe não apenas a toda escravidão aberta e sistemas de casta, mas A toda escravidão encoberta da mulher e do pobre [...]”.

João Calvino dizia que havia no homem algo como que dois mundos, aos quais podem presidir não só reis distintos, mas também leis diversas. Com esta distinção que ele fazia, não traríamos indevidamente, à ordem política o que o Evangelho ensina a respeito da liberdade espiritual, como se, no que tange ao regime externo, menos sujeitos às leis humanas estivessem os cristãos. A partir desse entendimento, trataremos do valor de uma cosmovisão calvinista em relação à educação e política.

Cosmovisão de Calvino e a Educação

Ao fugir de Paris, Calvino se refugia em Genebra, e lá permanece até sua morte, aos cinquenta e cinco anos. Nessa cidade, recém convertida ao protestantismo, Calvino queria educar o homem não apenas para a salvação, mas também para a felicidade terrena no cumprimento de sua vocação.

A educação se tornou essencial em sua luta contra a ignorância dos homens para com a palavra de Deus. A sua Instituição da Religião Cristã, sua obra-prima, é, em si mesma, um enorme tratado pedagógico da doutrina cristã. Com ela, Calvino buscou reunir de forma clara e didática todo o pensamento reformado.

O termo latino *Institutio* pode ser traduzido como: instrução, ensino, ou educação, demonstrando claramente as intenções pedagógicas de Calvino. Ele percebia que a carência de conhecimento que o povo francês experimentava era, sobretudo, uma carência do conhecimento espiritual e precisava ser eliminada. A implicação mais óbvia e menos vista e praticada entre educadores cristãos é que, se para Calvino o conhecimento de Deus é a razão de ser do homem, então todas as pessoas que se dizem cristãs reformadas deveriam espontaneamente priorizar a educação. Não se trata de uma educação qualquer, e sim, de uma educação holística, ou seja, transformadora, vivencial, humana, coerente com as Escrituras (CALVINO. Inst. I. p. 49).

Para Calvino, assim como para Lutero e os demais reformadores, a educação não era um fim em si mesmo, mas uma ferramenta imprescindível e útil à sua teologia. A educação era, pois, a base para o conhecimento da verdade que liberta. Em 1559, seu grande sonho se realiza quando é fundada a Academia, que passou a servir à formação de novos pregadores. A ideia dos fundadores da Academia de Genebra era doutrinar, tanto quanto instruir. Por isso, ela tornou-se o centro do saber protestante e dela fluíam as energias que revigoravam os grupamentos calvinistas espalhados pelos diversos países europeus. Escócia, Holanda, Inglaterra e Suíça foram atingidas pelas ideias calvinistas referentes à religião, bem como àquelas sobre educação, porque para Calvino, religião e educação são partes integrantes de um mesmo propósito: a salvação do homem. A educação na Academia era, em muitos aspectos, uma educação humanista, ou seja, valorizava a produção intelectual dos grandes nomes latinos da antiguidade, a exemplo de Cícero, como sendo dons divinos concedidos para o gênero humano. Não para que o homem encontrasse em si mesmo a glória, mas para que Deus fosse glorificado.

A difusão da Visão Reformada na Educação

As maiores universidades do mundo foram fundadas a partir dessa visão calvinista. A famosa Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que deve seu nome a um ministro puritano (John Harvard), criada com o objetivo de formar novos ministros, foi fundada por calvinistas, obedecendo aos mesmos propósitos de Calvino quando fundou sua Academia no século XVI.

Essas preocupações levaram os calvinistas a incentivar a alfabetização e a educação em seu sentido mais amplo. Um dos primeiros exemplos desse interesse foi a Academia de Genebra, fundada pelo reformador João Calvino em 1559, embrião da atual universidade desta cidade suíça. As escolas reformadas também se multiplicaram em todos os outros países nos quais se implantou a fé calvinista, como França, Holanda, Alemanha, Hungria, Inglaterra, Escócia e Irlanda (MATOS, 2006).

A partir do século 17, os calvinistas levaram para a América do Norte a sua fé e as suas instituições. Os puritanos da Nova Inglaterra foram importantes pioneiros ao fundarem em 1636, em Massachusetts, o Harvard College, do qual derivou a famosa universidade. Em 1701, os puritanos de Connecticut criaram o Yale College, hoje a grande universidade sediada em New Haven (MATOS, 2006).

Por sua vez, os presbiterianos, ou seja, calvinistas de origem escocesa e irlandesa, radicados majoritariamente nas colônias centrais da costa leste americana, fundaram em 1746 o Colégio de Nova Jersey, que deu origem à Universidade de Princeton. No século seguinte, quando a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos se uniu ao grande movimento missionário mundial, levou consigo essa ênfase educacional para todos os países em que atuou, através de seus missionários.

No Brasil, uma das igrejas mais tradicionalmente conhecida é a Igreja Presbiteriana. Quando os primeiros missionários presbiterianos chegaram ao Brasil, enfrentaram várias dificuldades, por conta do analfabetismo que encontraram em terras brasileiras. A Igreja Presbiteriana é uma igreja de

origem reformada⁷, influenciada pelos ideais humanistas e que tinha a educação como uma de suas prioridades, pois para que o Evangelho fosse entendido as pessoas precisavam ter cultura desenvolvida quanto à leitura e conhecimento.

O primeiro missionário presbiteriano que chegou ao Brasil foi Ashbel Green Simonton, que escolheu a escola como instrumento indispensável para a consolidação de seu trabalho em 1867. Em uma reunião com os líderes ele disse:

Outro meio indispensável para assegurar o futuro da Igreja Evangélica no Brasil é o estabelecimento de escolas para os filhos de seus membros... Mas é necessário não cedermos a nenhum obstáculo... O Evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer os maiores esforços para avantajá-lo na senda do progresso (SIMONTON *apud* HACK, 1985, p.87).

O cristianismo instrui e educa. Ensina o que se deve crer acerca de Deus, da humanidade, do universo e mostra o dever que Deus requer de todos os homens.

A “evangelização e educação”, desde o início, sempre identificou a obra Calvinista no Brasil. É verdade que, por vezes, surgiram tensões entre essas duas prioridades, mas a educação continuou a ser objeto de atenção especial. Com frequência, quando surgia uma nova igreja, era criada ao seu lado uma escola. Os missionários da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUSA) fundaram, entre outras, as seguintes escolas nas primeiras décadas: em 1870, a Escola Americana de São Paulo, mais tarde transformada em Mackenzie College; em 1885, a Escola Evangélica de Botucatu; em 1886, a Escola Americana de Laranjeiras (SE), mais tarde transferida para Aracaju; em 1887, o Colégio de Dois Córregos, do Rev. John B. Howell; em 1892, a Escola Americana de Curitiba; em 1903, a Escola Americana de Florianópolis; em 1906, o Instituto Ponte Nova, no interior da Bahia; em 1915, o Instituto Cristão de Castro (PR); em 1924, o Colégio Evangélico de Buriti (MT); em 1928, o Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira (SP) (MATOS, 2006, pg.).

⁷ O termo “reformado” se refere ao Movimento da Reforma Protestante do Séc. XVI que transformou as estruturas sociais da Europa. Essa transformou a maneira das pessoas pensarem a respeito da educação. A educação foi incentivada juntamente com as pesquisas que até então, eram controladas pela Igreja Católica, que em última instância regia o Brasil e o mundo. Esse movimento entra para a história como “era da luz” contrapondo-se à “era das trevas” em que o mundo vivia até então, isso porque os homens começaram a estudar novos idiomas. A pesquisa foi liberada e incentivada, visto que muitos já haviam perdido a vida por causa das descobertas. A partir daí surgem grandes universidades com a cosmovisão Calvinista Reformada.

O sistema educacional puritano, que era calvinista, treinou igrejas e líderes civis. A ênfase, contudo, era treinar homens para que as gerações futuras não fossem deixadas com “um ministro iletrado”. O currículo de Harvard, por exemplo, enfatizava o estudo dos idiomas bíblicos, lógica, teologia e habilidades em comunicação (retórica e discurso público). As igrejas esperavam que seus ministros lessem as escrituras nos idiomas originais. Em Princeton, mesmo daqueles que não entravam no ministério do evangelho, era esperado que conhecessem suas Bíblias de capa a capa (HACK, 1985, pg. 68).

Contribuições da Reforma Protestante para a Educação.

De fato, na história da educação, a Reforma Protestante com a sua cosmovisão calvinista tem um capítulo significativo. Lutero, por exemplo, achava inadequadas as missas serem ministradas em um idioma que o povo não entendia. Isso o motivou a pregar e a traduzir a Bíblia em alemão. Então, a Reforma Protestante é uma força motriz que difunde a necessidade da educação e um dos maiores propósitos é a emancipação do sujeito na interpretação das escrituras e dos textos. Outrora, o homem precisava da mediação de um sacerdote que possuía o conhecimento. A partir da Reforma, surge também um novo incentivo à educação para todos, preparando o ser humano para o desenvolvimento que *a posteriori*, transforma as estruturas sociais do mundo. E tornando-o livre e capacitado para interpretar as Escrituras, e agora sem a necessidade de um sacerdote.

Na Reforma Protestante, a educação constitui a pedra angular da construção tanto da teologia quanto da eclesiologia. Estudar a educação na obra de Calvino não é apenas enumerar suas ações nessa área, mas também discutir sua teologia. A educação como meio de salvação, ou seja, instrumentalizada pela fé, acabou se tornando uma das mais importantes matrizes da pedagogia moderna:

A Reforma precisou da educação para ensinar o novo catecismo, divulgar a palavra de Deus entre seus adeptos e formar ministros para sua causa. O conhecimento do grego e do hebraico, línguas originais da Bíblia, foi importante não apenas para as novas igrejas, mas também para a cultura do século XVI. Educação e Reforma, portanto, estavam

intimamente ligadas, como demonstram os manuais de história da educação (VIEIRA, 2006, p.3)

Vejam os o papel da universidade no desenvolvimento do conhecimento e a necessidade que tinha de não se afastar de sua vocação original, na formação integral do ser humano.

O papel da universidade na difusão do conhecimento

A universidade deve - cada vez mais consciente de sua origem e vocação -, contribuir para a ética na política nacional através de uma educação que leve em consideração os princípios morais e espirituais. O eixo do ensino deve refletir esses princípios e valores, sem ferir a autonomia universitária. O eixo da pesquisa deve descobrir maneiras criativas de aplicar à realidade brasileira a força do protestantismo reformado, que forjou as políticas democráticas e ensejou o desenvolvimento da moderna ciência em outros tempos e em outras terras. E o eixo da extensão deve estender a mão de misericórdia à comunidade, enquanto trabalhamos por dias melhores.

A universidade foi criada com a motivação de difundir o conhecimento. Ela é um dos principais agentes responsáveis pelo alargamento de nossas estacas no que diz respeito ao conhecimento. Ela não só forma homens para atuar em uma área específica, como também deve prepará-los para a vida. Deve instigá-los e subsidiar ferramentas para que o estudante tenha condições básicas de fazer uma leitura de mundo, bem como de suas relações. Sobre o papel da universidade na difusão do conhecimento, Cristovam Buarque, o ex-ministro da Educação no ano de 2003, nos diz: “as nossas universidades têm sido, historicamente, instituições alienadas às necessidades do povo, com técnicas que visam aumentar a riqueza e atender melhor os ricos, e raramente, objetivam a redução da pobreza” (GARCIA; FLOSI, 2003, p.18).

Algumas universidades têm sido importantes nesse processo de difusão e diálogo do conhecimento, desde sua fundação.

Universidades Calvinistas

O protestantismo calvinista, desde o seu início, foi uma das forças geradoras da democracia moderna, com seu espírito revolucionário, defensor

da liberdade e desafiador das estruturas religiosas, sociais e políticas que escravizam o homem. As inúmeras universidades reformadas que nasceram após a Reforma protestante nos países que a abraçou, como Suíça, Inglaterra, Holanda, Escócia, Hungria e posteriormente os Estados Unidos, se tornaram centros difusores dos princípios da Reforma, quer pela produção e ministério de seus docentes, quer pela formação de centenas de cidadãos imbuídos deste mesmo espírito. Podemos mencionar, entre elas, as universidades de Genebra, Harvard, Yale, Princeton e a Universidade Livre de Amsterdã.

Nelas, foram estudados e transmitidos os princípios e valores que serviram de base para a formação de uma consciência ética na política desses países. Muitos dos grandes estadistas, chefes políticos e autoridades civis dos países mais desenvolvidos, estudaram em universidades reformadas. Estas universidades, sendo confessionais, adotaram em sua fundação, como referencial explícito, as confissões de fé oriundas da Reforma protestante (SAVIANI, 2004).

As universidades são centros formadores dos que haverá, um dia, de influenciar a opinião pública e, talvez, exercer o poder político. Elas têm um papel crucial diante do clamor nacional por ética na política. E sem excluir as demais, as universidades confessionais têm uma oportunidade histórica de contribuir com este propósito, ainda que em longo prazo, visto que a eficácia da universidade, neste aspecto, reside no processo de educar cidadãos.

3. INFLUÊNCIA CALVINISTA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

O Brasil sempre foi conhecido como cristão em suas raízes de cultura religiosa, por ter sido colonizado pelos portugueses com origem no cristianismo católico-romano europeu. Contudo, não se identifica hoje, com o cristianismo protestante Norte Americano, que chegou ao Brasil em meados do séc. XIX. Por isso, o nosso interesse nesse artigo em analisar as raízes cristãs Mackenzistas oriundas do calvinismo presbiteriano.

No Estatuto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma universidade com uma trajetória longa, cujo início se deu em 1870 e comprometida com a cosmovisão calvinista, consta: “A Universidade Presbiteriana Mackenzie é de caráter confessional. Como instituição presbiteriana, é regida pela fé cristã evangélica reformada. Assim, o

compromisso do Mackenzie é de estimular o conhecimento das ciências humanas e divinas”.

Pelo seu pionerismo, a Universidade Presbiteriana Mackenzie se firma como uma instituição de ensino séria e respeitável. Há algumas instituições que são confessionais nos termos estatutários, porém não buscam planos de ação que as identifiquem como tais. O Mackenzie faz parte das instituições confessionais que acreditam em sua contribuição com valores e princípios na construção de uma cidadania ética e solidária. Jamais abriu mão de seus valores, mesmo em meio à crise de 1932-1938, em defesa de seu credenciamento de ensino superior, ou em 1960 quando o governo do estado de São Paulo tentou desapropriá-la da Igreja Presbiteriana do Brasil. O Mackenzie conhece a sua origem em raízes cristãs calvinistas presbiterianas, e têm seus objetivos definidos a partir desses valores.

4. Cosmvisão Calvinista e a política

Pelo senso comum afirma-se que o pensamento reformado talvez até tenha um bom sistema teológico, mas negam que tenha um programa político que ofereça algo além do que algumas verdades gerais a respeito da soberania de Deus em todas as áreas da vida e da ênfase que os cidadãos devem à obediência ao governo, chegando a afirmar que o Calvinismo nunca desenvolveu seu próprio sistema político e, quando concebem que ele o fez, afirmam que consiste em simples teorias abstratas que nunca foram aplicadas no campo político para provar se funcionam ou não.

Para os cristãos, a Bíblia é a sua única regra de fé e prática. Por isso também é sua regra de fé na área da política. Isto se torna mais claro quando compreendemos que Deus é soberano em todas as coisas. Portanto, sua palavra também é lei para o mundo político. Ao adotar a Bíblia como fundamento das ciências políticas, o cristão reformado assume uma posição singular, porque a maior parte dos outros sistemas não tenta basear sua opinião na Bíblia. Para eles a última palavra em assuntos do estado não tem a Bíblia, mas a vontade da massa, o sentimento de justiça do indivíduo dos direitos naturais. O cristão reformado entende que a vontade de Deus é determinante para as opiniões a respeito do estado.

A Bíblia não declara que o governo deveria ser uma monarquia, ou uma aristocracia, ou uma democracia. A Bíblia oferece princípios eternos que devem delinear todos os sistemas políticos. Estes princípios estão, não apenas encontrados em textos isolados, mas em toda a Bíblia.

Aquele que atua a partir de uma cosmovisão calvinista insiste que os princípios da palavra de Deus são aplicáveis não só a ele, mas a todos os cidadãos, assim como Deus deve ser reconhecido como soberano por todos, sendo que, assim o desejem ou não, também a Bíblia deve ser determinante para todos. Estes princípios devem guiar especialmente a vida do cristão. Ele não só declara que sua alma pertence a Cristo pela eternidade, mas a tudo que se refere a sua vida temporal também pertence ao seu fiel salvador Jesus Cristo. A ele, portanto, lhe deve obediência em todas as áreas da vida.

O estudo dos vários aspectos da teoria política reformada mostrará claramente o tremendo proveito que existe em adotar a Bíblia como regra incondicional de fé e vida, assim como para questões políticas.

Abraham Kuyper foi um homem que adotou a visão calvinista como seu lema, e segundo Jonas (1970, pg.23), a obra deste homem “se ergue como um grande monumento à única oposição verdadeira a toda a idéia que está por trás da Revolução Francesa.”

A Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII, colaborou com essa dicotomia. Criando sua própria religião - chamada a princípio de “Culto à Razão” e depois de “Culto ao Ser Supremo” -, seus líderes achavam que a ciência e a razão inaugurariam uma nova era, tendo então uma política fortemente anti-cristã. Tudo que era cristão foi abolido. O homem se tornou o centro, não Deus. Não somente em questões ligadas ao Estado, como também em questões da religião. As antigas datas religiosas eram substituídas por um antropocentrismo exacerbado, cultuava-se simultaneamente Jesus, Sócrates, Rousseau e Voltaire. O lema francês desta época era “Nem Deus, nem mestre.

A Visão Calvinista e sua Influência na Sociedade

Uma cosmovisão pode ser boa ou ruim. Precisa ser submetida a testes que verificarão sua coerência com a realidade. Uma pessoa com uma má cosmovisão será um problema grave para a sociedade.

Não estamos de acordo com a visão de que a política é má e que as pessoas devem estar fora e afastadas do processo político. Cremos que as pessoas deveriam pressionar as declarações do Senhorio de Cristo na política, assim como na família, a igreja, a educação, os negócios, a economia, as artes, e em toda parte da sociedade.

Qual deveria ser o perfil de uma pessoa para se envolver com a política? Precisamos cada vez menos de pessoas despreparadas, amadoras, ingênuas ou desonestas, que são eleitas por um voto corporativista, para representar os interesses particulares. É necessário que sejam pessoas preparadas, que também tenham uma formação bíblica, que tenham uma cosmovisão cristã e que possam ir ao centro de decisão (sejam eles simples associações comunitárias, sindicatos, partidos políticos, assembleias legislativas ou palácios de governo) como fiéis representantes de Jesus Cristo, para a glória do seu nome, e para o bem comum da sociedade. Como Abraham Kuyper, precisamos de homens que tenham o desejo de ter uma sociedade forte, ortodoxa, disciplinada e justa. Que tenham o seu lema: *“Estimar a Deus como tudo, e todos os outros como nada.”* Isso não significa desprezar as pessoas, mas valorizar a Deus como Senhor absoluto sobre todas as coisas. (KUYPER, 2002, p.25).

Se o homem não tivesse pecado, nós não necessitaríamos de magistrados e também de uma ordem do estado. Mas devido às consequências do pecado necessitamos de uma organização especial. Por exemplo, exército, marinha, magistrados civis, etc. Isso tudo porque vivemos em um mundo caído, desonesto e especialmente injusto. Uma ordem é fundamental.

Sobre isto nos orienta Kuyper (2002, p. 89): “A glória de Deus exige que estes horrores sejam refreados, que a ordem retorne a esse caos, e que uma força compulsória, de fora, faça-se valer para tornar a sociedade humana uma possibilidade”.

Se vivêssemos ainda hoje, sem pecado, não haveria dúvidas a respeito do caráter do estado ideal. Seria um estado mundial, um Reino Mundial de Deus, mas sabemos que esse não era o propósito Dele. De fato, para refrear a

maldade do ser humano, Deus dividiu os povos em diferentes nações e línguas no episódio da torre de Babel.

Sobre isso nos diz Marshall (2003, p. 96)⁸: “Podemos dizer que Calvino se opunha que os estados fossem muito grandes, a fim de evitar o perigo inerente de uma concentração de poder de um governo”.

Da mesma maneira, o pensamento reformado não favorece a idéia de um estado mundial em um mundo pecador. Muito menos favorece algum tipo de governo específico, seja uma monarquia, aristocracia, democracia, e nenhum outro tipo de governo.

A Bíblia⁹ nos diz que não existe autoridade que não seja instituída por Deus, ou seja, as que existem foram estabelecidas por Ele. Dado que a Bíblia nos diz que Deus governa por meio de vários tipos de governo. Creio que a pergunta mais importante é: qual é o tipo de governo que necessitam os homens caídos? Estamos convencidos que a resposta dependerá um pouco da idiossincrasia de cada país, ou seja, em alguns países um determinado sistema de governo funcionará melhor. Por isso, a resposta mais coerente é que, se as pessoas são boas, qualquer tipo de governo será bom, se as pessoas são depravadas qualquer tipo de governo será ruim.

Calvino (1985) nas suas *Institutas*¹⁰ parece favorecer o governo aristocrático, ou a combinação de aristocracia e democracia. Mas, em seus últimos comentários publicados entre 1550 e 1560, e especialmente em Deuterônomo e Samuel – Calvino se declara mais diretamente a favor do tipo de governo democrático.¹¹

Outra pergunta que seria importante: deveria existir um estado cristão? Tem sido uma pergunta que tem levantado grandes conflitos. A resposta não é tão simples, depende do que significa o termo cristão, sabemos que ser cristão não significa obedecer cegamente às autoridades, elas podem ir contra aquilo que os próprios cristãos creem. Estamos de acordo que o espírito cristão deveria exercer influência sobre o Estado. A grande questão é: Deus é o

⁸ Paul Marshall, *Principios Teologicos y Politicos del Pensamiento Reformado*, pg. 96

⁹ Rom. 13:1

¹⁰ As *Institutas* é uma das obras mais importantes de João Calvino. Ele trata dos assuntos básicos da vida à luz das Escrituras e da Teologia.

¹¹ *Idem*.

soberano rei do universo, sendo assim, Sua palavra devia ser lei até os confins da terra.

Se Deus é o supremo governante, nenhum homem deveria insistir que a religião seja uma questão particular, separada das esferas sociais, educacionais, políticas ou de qualquer outro tipo. O pensamento calvinista é claro nesse sentido: Deus deve reinar em tudo.

Um modelo de Cosmovisão aplicada na Educação e na Política

João Calvino, com sua cosmovisão, influenciou Abraham Kuyper, que em seus esforços para reformar a igreja, entendeu que a educação era da maior importância, e a Universidade Livre de Amsterdã foi à resposta ao liberalismo que havia infectado as faculdades da Igreja Reformada. Quando a Universidade Livre iniciou suas atividades em 1880, Abraham Kuyper declarou em seu discurso inaugural: “Não existe sequer um centímetro de nossa natureza humana do qual Cristo, que é soberano de tudo, não proclame ‘Meu!’” Ele dizia que o cristão “não pensa por um só momento em se limitar à teologia e à contemplação, deixando as outras ciências como personagens inferiores, nas mãos dos não-crentes” Kuyper (2002, p. 26). Pelo contrário, “considerando isso como seu tema para conhecer Deus em todos os seus trabalhos, está consciente de ter sido chamado para penetrar com toda a energia do seu intelecto nas questões terrestres, tanto quanto nas questões celestiais”. Sua mensagem estava baseada em Isaías 48.11: “A minha glória não darei a outrem”, indicando que quando nos omitimos na esfera educacional, deixando que o inimigo de nossas almas proclame as suas filosofias abertamente e sem contestação, enquanto passivamente assistimos seus avanços em todas as esferas, estamos fazendo justamente o que Deus expressa não permitir: deixamos que sua glória fosse dada a outrem.

A Universidade de Amsterdã foi fundada originalmente como meio principal de promover uma reforma na igreja e na sociedade, alcançando “a restauração da verdade e da santidade no lugar do erro e do pecado.” Por acreditar que toda verdade vem de Deus, e que cada centímetro da criação pertence a Cristo, ele não apenas estabeleceu uma escola de teologia, mas uma universidade na qual todo o currículo, todas as artes e ciências eram parte de uma cosmovisão bíblica. Kuyper ensinou ali teologia, homilética, hebraico e

literatura. Isso é um exemplo de quem aplicou os princípios de uma cosmovisão calvinista! (KUYPER, 2002, pg.34).

Sua crescente preocupação acerca das questões sociais e políticas da Holanda lançaram-no na vida política. Em 1874 foi eleito ao parlamento como representante do recém-formado Partido Anti-Revolucionário, que foi o primeiro partido político moderno da Holanda. Para se candidatar, afastou-se do ministério. Em 1900, o partido Anti-Revolucionário chegou ao poder, e Kuyper se tornou primeiro-ministro. Seus alvos políticos abrangiam a extensão do voto, o reconhecimento do Estado sobre o direito dos cristãos de conduzirem suas próprias escolas e uma legislação social que ajudasse a proteger o povo trabalhador. Em 1905, após uma amarga campanha eleitoral, perdeu seu mandato, mas continuou a exercer sua influência política como redator de um jornal político. O objetivo deste diário era:

Elucidar todos os fatos concernentes ao problema social..., abrir os olhos do povo para um governo que, de um lado, provoca uma revolução que em seguida sufocará com sangue e, de outro lado, causa condições sociais tão anormais que boa parte da população mal consegue sobreviver (KUYPER, 2002, p. 32).

Ele escreveu neste jornal, até pouco antes de sua morte, em 1920. Kuyper disse: “O medo da política... não é cristão e não é ético”. Apesar de ter perdido as duas primeiras eleições que participou, não desistiu. “Conosco, o que importa não é a influência que temos agora, mas a que teremos daqui a cinquenta anos. Quantos da próxima geração serão seguidores dos nossos princípios?” Sua teoria social e política da soberania de Deus sobre todas as esferas da vida humana é uma tentativa de limitar o poder de um Estado totalitário. Em seu pensamento, cada esfera da vida humana (família, igreja, estado) tem sua própria área de responsabilidade, que é derivada diretamente de Deus e, as pessoas dentro de cada esfera, são responsáveis apenas perante Deus. Este princípio foi um baluarte contra toda forma de totalitarismo. Ele entendia, então, que a função do Estado era preservar na sociedade a justiça de Deus, como revelada em Sua palavra (KUYPER, 2002, p. 35).

Neste tempo, quando pensamos em ação social, podemos aprender com o pensamento de Kuyper nesta área. Em 1871, deixou clara a compreensão de sua tarefa: “lutar contra um mal social isolado ou resgatar os

indivíduos, embora excelente, é muito diferente de agarrar o problema sócio-econômico em si com o sagrado entusiasmo da fé” (KUYPER, 2002), reconhecendo que os interesses comerciais, e não apenas os governamentais, podem oprimir os pobres. Falando no Parlamento, em 1874, defendeu a elaboração de um código de leis que protegessem o trabalhador, numa época em que tais códigos não existiam. Em seguida, tirou do bolso um Novo Testamento e leu o texto de Tiago 5.1-11. Em meio à reação escandalizada, disse:

Se eu mesmo tivesse falado essas palavras, que lhes parecem radicais e revolucionárias, vocês poderiam se opor. Mas foram escritas por um apóstolo do Senhor. Como pode, pois, alguém confessar a Cristo e não defender o trabalhador quando reclama? (KUYPER, 2002).

Em outra ocasião, afirmou: “quando ricos e pobres se opõem uns aos outros, [Jesus] nunca fica do lado dos ricos, mas sempre do lado dos pobres. Ele se colocava invariavelmente contra os poderosos e aqueles que viviam luxuosamente, e a favor dos que sofriam e eram oprimidos.” André Bielér, professor de Ciências Econômicas da Universidade de Genebra, Suíça, diz:

É certo que o Evangelho não deixa de encorajar à paciência aqueles que sofrem injustiças ou que são oprimidos... Mas ter-se-á uma idéia muito falsa da doutrina evangélica se pensar que a paciência e a caridade cristãs sejam sinônimos de passividade diante da desordem social, de complacência para com a injustiça ou de indiferença diante da tirania. Muito pelo contrário. A luta contra toda forma de opressão, seja política, econômica ou social, é uma das exigências da Reforma, e decorre diretamente de sua teologia e de sua concepção do homem. (Apud MARSHALL, 2003, p. 53).

O exemplo de vida deixado por Kuyper no campo da educação e política tem um impacto eloquente na vida dos homens, que compreenderão que, sem uma boa aplicação dessas duas ciências, a humanidade tende a desmoronar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos a nossa pesquisa na certeza de que o modelo do Calvinismo pode ser uma porta aberta que nos guiaria pelo caminho adequado

e seguro na aplicação e difusão do conhecimento e, por isso, somos obrigados a refletir e assumir o nosso legado na educação e na política da nossa nação.

Entendemos que a cosmovisão cristã unifica as crenças de uma pessoa num sistema coerente e bíblico. As crenças básicas da cosmovisão cristã fornecem uma estrada abrangente, coerente, consistente e atrativa pela qual se pode viajar ao longo da vida.

A cosmovisão cristã fornece um guia para a vida prática. O Cristianismo é designado por Deus para operar na vida real, não apenas hipoteticamente. Quando as crenças e valores da cosmovisão cristã são aplicados à vida real, elas funcionam. Quando nós vemos a vida pelas lentes da história divina da criação, queda, redenção e consumação, o mundo faz sentido. E, sem dúvida, as grandes dificuldades que temos enfrentado na educação brasileira seriam diminuídas, a partir de uma aplicação calvinista na educação e na política. Com isso não queremos dizer que seria perfeita, mas sem dúvida mais adequada.

A cosmovisão cristã fornece as ferramentas necessárias para discernir a verdade do erro. A Escritura e a autorrevelação de Deus na criação nos provêm o conhecimento de que necessitamos para tomar decisões sobre o que é e o que não é verdade.

Alguns homens impulsionados pela cosmovisão calvinista deixaram marcas positivas na sociedade, e continuam a deixá-las, quando se interpreta o mundo do ponto de vista de Deus. A cosmovisão Calvinista também é o ponto de partida para uma nova relação com o mundo, tendo em vista que o mundo é gerado como criação de Deus, alvo da sua graça comum e palco da manifestação do seu senhorio e de sua glória.

A importância de escrever sobre esse tema se deu porque realmente tínhamos várias perguntas com relação à atuação do cristão na educação e na política. É maravilhoso ver como o Calvinismo resgata todas as coisas para o governo de Deus, ou seja, reivindica que todas as vocações devem ser desenvolvidas para a glória Dele. Assim sendo, todo professor que assumisse esse papel, certamente contribuiria para que a educação fosse levada mais a sério. Ela não seria desenvolvida como um fim comercial, mas como uma vocação. Ao passo que cada aluno, por sua vez também deixaria de ser passivo e sua motivação seria mais do que ter uma formação ou um “simples” diploma, mas estaria comprometido com a visão de que devemos fazer sempre

o melhor, não para os homens, mas para a glória de Deus. Tudo seria diferente.

Aprendemos que o estado foi originalmente instituído por Deus para velar pelos interesses culturais que devemos realizar concomitantemente, a distinção das tarefas que pertencem ao indivíduo, à família, e qualquer esfera que desenvolva a partir de interesses particulares. Que o estado contemporâneo não é a continuação do reino de Deus. Porque o reino de Deus é sobrenatural, plantado por Cristo sobre essa terra pela graça especial. Este reino será consumado sobre essa terra depois do juízo final.

Mesmo sabendo que devemos evitar toda utopia e falsas expectativas, isto não significa que devemos atuar na arena política sem esperança nenhuma. Temos muitas esperanças, porque cremos nas promessas do Senhor feitas aos seus discípulos quando ele dizia: “animem-se! Eu venci o mundo e os farei vencedores! Sabemos que haverá Novo Céu e Nova Terra e que ali habitará a justiça”.

A nossa esperança política deve ser na prática o desejo da ONU, expressado em sua sede em New York, no seu edifício, a visão de Isaias (2.4) sobre o Reino do Messias: “Ele julgará entre povos e corrigirá muitas nações; estas converterão suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará espada à outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAIRNS, E; E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- CALVINO, J. *As instituições ou tratado da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, Vol. I, II, III, IV, 1985.
- _____. *Institución de la religión cristiana*. 2. ed. Barcelona: Felire, 1986. v. 1, Livro I.
- _____. *A verdadeira vida cristã*. 4. ed. São Paulo: Fonte Editora LTDA, 2008.
- CAMPOS, H. C. A filosofia da educação de Calvino e a função da Academia de Genebra. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 5, n. 1, jan./jun. 2000.
- FAIRBAIRN, A.M. *Cambridge modern history*. New York: Macmillan, 1918.
- GARCIA, G.; FLOSI, S. Tempo de transformação. Ensino superior. *Aquidauana*: v. 5, n. 53, p. 16-19, fev.2003.
- GOMES, A. M. A. *Religião, educação e progresso*. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- HACK, O. H. *Protestantismo e educação brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HACK, O. H. *Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

MORELAND, J .P.; CRAIG, W. L. *Philosophical Foundations for a Christian Worldview*. Downers Grove: IL:InterVarsity Press, 2003.

KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LEITH, J. H. *A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

LOPES, A. N. *Calvino e a responsabilidade social da igreja*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1999.

MARSHALL, P.; MEETER, H. H. *Principios teológicos y políticos del pensamiento reformado*. Grand Rapids: Libros Desafío, 2001.

MATOS, A. S. *Presbiterianos e a Educação*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. Disponível em: www.mackenzie.br Acessado maio de 2008.

NICHOLS, R. H. *História da igreja cristã*. 11. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

RIBEIRO, B. *Protestantismo e cultura brasileira - aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

ROUSSEAU, J. J. *Contrato social*. São Paulo: Abril cultural, 1978.

SAVIANI, D. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

VIEIRA, P.H. *Calvino e educação*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008. Disponível em: www.mackenzie.br Acessado em junho de 2008.